

# **ATITUDES DOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA FACE AO PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR**

Francine Batista (UFAL)  
francine.batistaa@gmail.com  
Soraya Santos (UFAL)  
soraya\_dayanna@hotmail.com  
Neiza Fumes (UFAL)  
neizaf@yahoo.com

## **RESUMO**

Com a adversidade encontrada no âmbito educacional e nos distintos níveis de ensino, a reflexão em torno da inclusão da pessoa com deficiência na Educação Superior se torna ainda mais necessária na busca por uma sociedade cada vez mais inclusiva. Diante disso, o estudo teve como principal objetivo analisar as atitudes dos docentes de Educação Física face ao processo de inclusão dos alunos com deficiência na Educação Superior. A amostra foi constituída por 33 docentes do curso de Educação Física de uma Instituição de Ensino Superior do Estado de Alagoas. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário PEATID III (FOLSOM-MEEK & RIZZO, 2002), adaptado para a população brasileira por Santos, Fumes e Ferreira (2015). Para analisar os dados foi utilizado a estatística descritiva. Dos docentes participantes da amostra 18,19% dos docentes possuíam apenas graduação, 48,48% mestrado, e 33,33% doutorado. O estudo constatou que referente à formação acadêmica em Educação Especial apenas 45,45% dos docentes a tinha, enquanto 54,55% não tiveram. Em relação à experiência no ensino de alunos com deficiência, 48,48% dos docentes apresentavam e 51,52% não. Referente à competência percebida, 30,30% dos docentes se consideravam "nada competente", e 6,07% "muito competente". O estudo revelou ainda, que os professores apresentaram ter uma atitude mais favorável no ensino de alunos com deficiência física ( $31,66 \pm 4,03$ ) e atitudes menos favorável no ensino de alunos com deficiência múltipla ( $28,83 \pm 4,21$ ). Ao conhecer a atitude dos professores, consideramos que poderemos colaborar no processo de inclusão e na permanência dos alunos com deficiência no Ensino Superior.

**Palavras-chave:** Educação Superior. Atitudes. Educação Física.

## INTRODUÇÃO

A inclusão da pessoa com deficiência é uma temática que está sendo bastante discutida na atualidade, devido à necessidade de construir uma sociedade inclusiva, em que os indivíduos possam exercer plenamente a sua cidadania, participando de todos os contextos existentes na sociedade e gozando de seus direitos civis, políticos, econômicos e educacionais. A entrada da pessoa com deficiência na escola regular de ensino é o marco inicial da educação inclusiva, no entanto o envolvimento do aluno em todo o processo de ensino e aprendizagem é essencial para seu desenvolvimento e posteriormente para a entrada no ensino superior. O Decreto 6.949/2009 assegura que as pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino superior em geral, treinamento profissional de acordo com sua vocação, sem discriminação e em igualdade de condições (BRASIL, 2009).

A função social da Universidade com base no estudo de Castanho e Freitas (2006, p.94), implica em produzir conhecimento, de forma a promover o desenvolvimento da cultura, da ciência, da tecnologia e do próprio homem enquanto indivíduo na sociedade. Diante disso, é importante considerar que se o ingresso do aluno com deficiência foi legitimado pelo exame vestibular ou processo seletivo. Ele tem o direito de encontrar condições de permanência e conclusão do curso que levem em consideração as suas dificuldades (FERRARI; SEKKEL, 2007, p. 645). O que nos leva a compreender que a inclusão da pessoa com deficiência no ensino superior também se caracteriza como um desafio a ser enfrentado por todo o corpo docente das instituições de ensino superior, e em especial o professor por ser mediador nesse processo. Para isto, Martins (2006) explica que o processo educativo inclusivo traz sérias implicações para os docentes e para as escolas, que devem centrar-se na revisão de concepções, estratégias de ensino, orientação e apoio para todos os alunos, a fim de que possam ter suas necessidades reconhecidas e atendidas, desenvolvendo ao máximo as suas potencialidades.

Por se tratar de um desafio a ser superado, são explícitas e notáveis as dificuldades que os alunos com deficiência enfrentam desde sua entrada nas séries iniciais até alcançar o ensino superior, barreiras como escassez de materiais adequados, profissionais despreparados, acessibilidade e mobilidade limitada ou inexistente. Dificuldades essas que impossibilitam, por vezes, a participação efetiva, o acesso ÀS informações, o desenvolvimento gradativo e a permanência desses alunos no processo

de ensino e aprendizagem, prevalecendo uma essência excludente. Mesmo diante dessas dificuldades, é indispensável que a universidade ofereça uma educação de qualidade, pois antes de lhes ser garantido um direito, plenamente reconhecido, é um dever do estado implementar ações que favoreçam não só seu ingresso, como sua permanência e saída do ensino superior (CASTANHO; FREITAS, 2006)

Com base na discussão em torno do processo inclusivo no ensino superior, pode-se entender que a educação inclusiva no Ensino Superior é possível de ser efetivada, desde que todos os envolvidos no processo se comprometam a buscar melhores atitudes e comportamento que venham intervir diretamente na formação de todos os indivíduos, considerando suas características peculiares, respeitando suas limitações e considerando suas potencialidades.

Nesse contexto, a atitude dos envolvidos no processo é fator de extrema importância para desvendar os mistérios referentes as ações do indivíduo diante das situações ocorridas em seu cotidiano. De acordo com Centeio (2009, p. 6), “a atitude é um pré-anúncio de um comportamento”, seja ele positivo ou negativo. Continuando, o autor diz que quando falamos de uma atitude face a algo, estamos nos referindo a uma ideia carregada de sentimentos face a uma coisa concreta, que nos condiciona e nos leva a atuar de uma determinada maneira perante uma situação específica (CENTEIO, 2009). Com isso, é possível entender que a atitude é considerada como algo peculiar de cada indivíduo, podendo ela ser favorável ou desfavorável a situação na qual o mesmo foi exposto.

De acordo com Filipe (2012, p. 21), a atitude “é uma forma de proceder/agir relativamente a uma situação social, pessoal e/ou profissional dependente de fatores intrínsecos e extrínsecos”. Com isso, a atitude pode ser construída sob a intervenção de diversos fatores de essência cognitiva, afetiva e social presentes no meio. Embora ela seja estável sofre alterações, o que explica Centeio (2009, p. 11):

Uma vez que o componente cognitivo, afectivo e comportamental (atitudes sociais) interagem entre si em busca do equilíbrio, qualquer mudança num destes três componentes é capaz de alterar os outros. Logo, uma nova informação, experiência, ou até mesmo um novo comportamento emitido em cumprimento a normas sociais, ou outro tipo de agente capaz de prescrever comportamento, pode criar um estado de inconsistência entre os três componentes de forma a resultar numa mudança de atitude.

Com isso compreendemos que a atitude positiva ou negativa que temos e o comportamento que adotamos mediante a uma situação é individual, pois é acarretada

pelas emoções inerentes a cada indivíduo em particular, sofrendo possíveis influências de fatores determinantes.

Nesse sentido as atitudes do professor assim como todo o corpo docente face ao processo de inclusão pode ser um fator decisivo para a permanência ou não do aluno com deficiência no processo de ensino e aprendizagem no meio educacional (MARTINS, 2006, p. 20). Para melhor explicar, Lebres (2010, p. 4) aponta em seu estudo que:

Embora pareça um princípio utópico, compete à comunidade escolar, assim como a toda a sociedade, o desenvolvimento de uma atitude positiva e de aceitação face às crianças com deficiência, na tentativa de superar os problemas que se levantam no decorrer de todo um processo de ensino-aprendizagem.

Um dos fatores primordiais para garantir esse direito legal dos alunos que ingressam no ensino superior, é a atitude do professor face a inclusão desses alunos. Mittler (2003), citado por Ferrari e Sekkel (2007, p.642), enfatiza que “a atitude do professor é de suma importância para a permanência no processo escolar e para a integração do aluno com deficiência com os demais alunos”. Com base nessas afirmativas, é perceptível que as atitudes dos docentes do ensino superior frente a realidade da educação inclusiva se torna um fator essencial para a formação do indivíduo como um todo, pois seu comportamento reflete diretamente no desejo do aluno se fazer presente e permanecer nesse processo de ensino e aprendizagem.

Quando pensamos em atitude frente ao processo de inclusão, buscamos uma reflexão para melhor justificar a importância dos docentes nesse processo, visto que, segundo Lebres (2010) compete à comunidade acadêmica, assim como a toda sociedade, o desenvolvimento de uma atitude positiva e de aceitação face aos alunos com deficiência, na tentativa de superar os problemas que se levantam no decorrer de todo um processo de ensino-aprendizagem.

No que concerne às atitudes do professor de Educação Física em relação ao ensino inclusivo, estudos como o de Cortez (2008) realçam a importância de pesquisas em torno da problemática envolvendo esses professores. Segundo o autor, muitos docentes reconhecem que o estudo do ensino da Educação Física face á deficiência tem se apresentado como um dos pontos positivos para a ocorrência do processo educativo, tomando por base as atitudes do professor frente a esse contexto.

Embora problemática da inclusão dos alunos com deficiência no âmbito educacional, também se caracterize para o professor de Educação Física como um grande desafio. Segundo Gorgatti et al (2004, p. 64) por confundir deficiência com doença, talvez por comodismo ou total falta de informação, o fato é que muitos professores privam seus alunos com deficiência da oportunidade crucial de vivenciarem experiências motoras e recreativas, o que fatalmente trará consequências por vezes irreparáveis. Em contrapartida, Rodrigues (2003) aponta que os professores de Educação Física são vistos e representados como profissionais com atitudes positivas mais favoráveis à inclusão que os demais professores. Entre os que lecionam a disciplina em questão, distintos são os fatores apontados como preponderantes para o desenvolvimento no docente de atitudes positivas ou negativas no processo educativo da pessoa com deficiência, destacando a perspectiva de formação no ensino superior e continuada em torno da temática como um dos principais fatores para presença de atitudes adequadas a consequente inclusão e aprendizagem dos alunos em evidencia (FILIPE, 2012).

Com isso, é preciso compreender as características dos fatores que influenciam de maneira concisa e direta na formação das atitudes positivas e negativas dos docentes do curso de Educação Física face a inclusão da pessoa com deficiência no âmbito da Educação Superior, pois como alude Bennett (1997, citado por PINHEIRO, 2001, p. 23) "os professores são a chave para a inclusão". São eles que mediam todo o processo de desenvolvimento cognitivo, motor e sócio afetivo no decorrer das etapas de ensino-aprendizagem dos alunos e em particular de alunos com deficiência.

De acordo com Carvalho (2011, p.19), "as atitudes estão em constante formação e mudança, atuam como um reflexo da sociedade e por isso são aprendidas gradualmente através da experiência e contacto com o mundo que a rodeia". Para melhor entendermos como essas atitudes (positivas/negativas) são influenciadas, é preciso refletir sobre alguns de seus preditores que refletimos nesse estudo: formação acadêmica em educação especial, experiência com alunos com deficiência, condição de deficiência, idade, tempo de ensino na Educação Física, e competência percebida, e com isso compreender sua importância frente ao processo de inclusão dos alunos com deficiência no ensino superior.

Ao tratar do preditor formação acadêmica em Educação Especial, sabe-se que formar os professores em uma perspectiva educacional inclusiva é um fator decisivo para efetivar seus objetivos e garantir aos alunos sua entrada, participação e

permanência no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Tardif (2002), o saber do professor é uma construção social. Com isso, constata-se que a aquisição do conhecimento dos docentes advém da contribuição dos saberes presentes no meio social, entre eles a formação superior. Dessa forma, Beltrame e Ribeiro (2004, p.19) reforça que:

Esta formação dos professores e o seu desenvolvimento profissional são condições necessárias para que se produzam práticas inclusivas positivas, sendo difícil avançar para uma perspectiva de escola inclusiva sem que todos os professores desenvolvam uma competência suficiente para ensinar todos os alunos.

Diante dessa afirmação, é perceptível a influência que a formação acadêmica exerce sobre as atitudes dos professores face a diversidade, e com isto se justifica a necessidade que o docente tem de possuir uma formação adequada que possibilite o desenvolvimento gradativo de atitudes positivas frente a realidade da inclusão dos alunos com deficiência no Ensino Superior, minimizando assim a incidência de atitudes negativas. Mazzotta (2003) destaca que a formação adequada dos profissionais que atuam com pessoas com deficiência só será possível através de uma eficiente formação acadêmica. Diante disso, pode-se afirmar que os docentes do curso de Educação Física, ao ser formados numa perspectiva de inclusão educacional, apresentarão melhores estratégias metodológicas que culminará na participação dos alunos com deficiência no contexto teórico e prático de suas aulas, possibilitando a permanência e a autonomia dos mesmos.

Outro fator de fundamental importância para o desenvolvimento das atitudes dos professores do curso de Educação Física frente à inclusão, é a experiência que eles tiveram ou não no ensino de alunos com deficiência. De acordo com Palla (2001, citado por BELTRAME; RIBEIRO, 2004), é a falta de experiência em lidar com esta população, bem como a carência de conteúdos de Educação Física Adaptada na formação acadêmica que facilitam o desenvolvimento de atitudes desfavoráveis.

Sabe-se que através das experiências vivenciadas nas aulas e da interação entre professor e aluno, pode-se conhecer as limitações e as capacidades dos indivíduos, visando compreender suas necessidades, tornando-se um facilitador na busca de estratégias metodológicas de ensino que contemplem a inclusão e o desenvolvimento de todos. Como garante Rodrigues (2003), quando afirma que para a Educação Física contribuir neste processo tem de existir dois aspectos fundamentais: o campo da

formação e o campo do apoio educativo e metodológico. Então, será possível conhecer melhor e intervir melhor de modo a que os professores de Educação Física possam ser efetivos agentes de inclusão. Ou seja, o professor de Educação Física que trabalha com pessoas com deficiência além de dispor de conhecimentos voltados a aptidão física, ao desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo dos indivíduos, deve também ter conhecimento das potencialidades e limitações do seus alunos, é o que afirma Hartmann e Marquezan (1999, citado por ROZARIO 2008), para que se efetive a inclusão no âmbito educacional.

A reflexão gerada em torno do preditor das atitudes dos professores de Educação Física por categoria de deficiência, visa evidenciar que o tipo e o grau de deficiência apresentada pelo aluno também é um determinante na manifestação de atitudes positivas ou negativas dos professores no decorrer de suas aulas, visto que de acordo com Pinheiro (2001), o grau de severidade da deficiência que o aluno apresenta provoca alterações no processo de ensino-aprendizagem e na atividade pedagógica e metodológica dos professores. É o que explica Kowalski e Rizzo (1996, citados por Pinheiro 2001), ao afirmar que os alunos com ligeiras deficiências são aceites mais favoravelmente do que alunos com deficiências severas.

O estudo de Block e Obrusnikova (2007, citado por LEBRES 2010) nos revela que as atitudes dos professores de Educação Física se caracterizam mais favoráveis para os estudantes com distúrbios de comportamento, visto que para eles esta população exigia menos modificações no método de lecionar, e por conseguinte, menos preocupações no processo de ensino-aprendizagem. O que torna explícito que para eles é mais fácil permanecer praticando os mesmos métodos de ensino do que inová-los, visando adaptá-los aos demais tipos e graus de deficiência.

O último preditor estudado foi a competência percebida, que carrega em sua variedade de conceito uma importante responsabilidade no que se refere as atitudes dos professores em detrimento da inclusão da pessoa com deficiência no âmbito da Educação Superior. É o que explica o conceito de Fleury e Fleury (2001, p. 185) quando fala que a:

Competência é pensada como conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes (isto é, conjunto de capacidades humanas) que justificam um alto desempenho, acreditando-se que os melhores desempenhos estão fundamentados na inteligência e personalidade das pessoas.

Atuando nessa perspectiva, compreende-se que os docentes do curso de Educação Física, após avaliarem seus próprios conhecimentos, e a partir disso se perceberem qualificados ou não para intervir positivamente no desenvolvimento dos seus alunos com e sem deficiência, poderão desempenhar suas funções evitando o fracasso e garantindo o sucesso, mediante a inclusão devido as metodologias adotadas no contexto de suas aulas, pois a competência percebida mantém uma relação próxima com as atitudes frente a diversidade, de modo que o professor ao se sentir pouco competente para contribuir na aprendizagem dos alunos com deficiência terá tendência a desenvolver atitudes negativas, que se traduzem numa menor participação e menor desempenho dos alunos.

Partindo desses pressupostos, o estudo teve como objetivo analisar as atitudes dos docentes de Educação Física face ao processo de inclusão dos alunos com deficiência na Educação Superior.

## **METODOLOGIA**

### **Natureza e Participantes do estudo**

A pesquisa se define como um estudo quantitativo, devido a sua capacidade de considerar que tudo pode ser quantificável, traduzindo em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (PRODANOV; FREITAS, 2013). Sua amostra foi composta por 33 docentes do curso de Educação Física de 1 Instituição do Ensino Superior da capital e do interior de Alagoas, sendo 18 do sexo masculino apresentando uma média de idade igual 39,95 anos (Desvio Padrão= 13,39 anos), e 15 do sexo feminino com média de idade=44,06 (Desvio Padrão=10,43). Foi constatado que 48,48% (N=16) possuíam mestrado e 33,33% (N=11) apresentavam grau de doutorado, enquanto 18,19% (N=6) eram apenas graduados e com algumas especializações.

### **Instrumento**

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado o questionário PEATID III - *Physical Educators' Attitudes Toward Teaching Individuals with Disabilities - III* (Folsom-Meek, Rizzo, 2002) adaptado por Campos, Ferreira and Block (2013), para a população brasileira, foram realizadas adaptações linguísticas e culturais da versão de Portugal uma vez que, o português falado e escrito no Brasil apresenta alterações semânticas, fonéticas ou gramaticais substanciais, que justifiquem tal modificação



(Santos, Fumes & Ferreira, 2015). O questionário contém 2 seções, a primeira com 12 perguntas, com informações referentes: idade, sexo, tempo de atuação, formação acadêmica, formação na área da Educação Especial, experiência no ensino de alunos com deficiência, e a segunda com 12 perguntas sobre as atitudes dos professores de Educação Física face à inclusão do estudante com deficiência.

### **Procedimentos para coleta de dados**

Para iniciarmos a coleta dos dados, entramos em contato com a diretoria do curso de Educação Física da Universidade, com o intuito de esclarecer os objetivos e a metodologia a ser utilizada na realização da pesquisa, assim como firmar o acordo de total sigilo das identidades dos docentes participantes. Com o esclarecimento e a permissão para continuarmos a coleta, entramos em contato com os professores, e ao esclarecer a metodologia da pesquisa e aceitarem participar, foi solicitado que os professores participantes assinassem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, visando confirmar e tornar legalizada sua participação na pesquisa. Contudo o estudo foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Alagoas, obtendo o número de protocolo de aprovação da Plataforma Brasil 439.400.

Em seguida, os professores receberam o questionário e responderam.

### **Procedimento de análise dos dados**

Os dados coletados foram organizados em tabelas e teve sua análise do tipo descritiva, que com base em Prodanov e Freitas (2013) esta análise procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relação com outros fatos. Este estudo foi realizado por meio da média, desvio padrão, percentual e frequência referente as categorias determinadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste tópico serão apresentados e discutidos os resultados obtidos com o estudo, de forma a descrevê-los e analisá-los, por meio da exposição dos valores estatísticos das variáveis (formação acadêmica, experiência no ensino de alunos com deficiência, condição de deficiência e competência percebida).

A tabela 1 demonstra os valores relativos à formação acadêmica dos docentes de Educação Física referente à temática de Educação Especial.

**Tabela 1. Formação acadêmica em Educação Especial**

<b>Formação acadêmica em EE</b>	<b>Número (N)</b>	<b>Percentual (%)</b>
Sim	15	45,45
Não	18	54,55
Total	33	100

Legenda EE: Educação Especial

Na tabela 1 constatamos que 54,55% (n=18) dos professores afirmaram não ter tido uma formação acadêmica em EE. Apesar de ocorrer avanços no que se refere à formação inicial dos docentes do curso de Educação Física face às temáticas da inclusão, os resultados mostraram que ainda há necessidade de se refletir sobre modificações na matriz curricular dos cursos que contemplem a inclusão educacional de modo que os professores se tornem mais qualificados. A carga horária direcionada a esta temática ainda é mínima diante da busca por uma Educação Superior mais inclusiva. Dessa forma, se faz necessário ocorrer uma mudança curricular. O estudo de Nogueira e Nogueira (2010) complementa essa discussão em torno dos resultados do preditor formação acadêmica em EE, ao considerar que é preciso refletir sobre: o que se ensina, como se ensina; o que se aprende, como se aprende; o que partilhar, como partilhar; o que sentir, como sentir; o que esperar, por que esperar; o que devo fazer, como fazer; o que é meu, o que não é meu; até onde posso ir; até onde quero ir. E com base nessa reflexão proporcionar aos professores ferramentas para favorecer o aprendizado de cada indivíduo no grupo, respeitando as suas potencialidades e fragilidades.

A tabela 2 apresenta os resultados relativos à experiência dos professores Educação Física face ao ensino de alunos com deficiência.

**Tabela 2. Experiência com alunos com deficiência**

<b>Experiência com alunos com deficiência</b>	<b>Número (N)</b>	<b>Percentual (%)</b>
Sim	16	48,48
Não	17	51,52
Total	33	100

Na tabela 2, ao serem questionados sobre a experiência com alunos com deficiência 51,52% (n=17) dos professores do curso de Educação Física afirmaram não ter experiência com alunos com deficiência no contexto de suas aulas. Este resultado

expressa que apesar da intensa reflexão realizada em torno da inclusão dos alunos com deficiência, ainda é preciso que além do ingresso na Educação Superior estes alunos tenham condições necessárias para permanecer, adquirir e desenvolver novos conhecimentos, proporcionando a conclusão de sua formação com êxito, visto que o objetivo da inclusão é possibilitar o acesso, a permanência e o sucesso acadêmico de todos os alunos (PÁDUA, 2010 p. 14).

A tabela 3 mostra os resultados referentes aos scores de atitudes dos professores de Educação Física por categoria de deficiência.

**Tabela 3. Scores de atitudes dos professores de Educação Física por categoria de deficiência**

<b>Condição de Deficiência</b>	<b>Média e Desvio Padrão</b>
Deficiência Física	31,66 (4,03)
Deficiência Visual	30,25 (3,59)
Deficiência auditiva	30,20 (3,71)
Deficiência Intelectual	28,84 (3,80)
Deficiência Múltipla	28,83 (4,21)

Na tabela 3, constatamos que os docentes do curso de Educação Física apresentavam scores de atitudes mais positivos no ensino de alunos com deficiência física (média=31,66; desvio padrão=4,03), e scores de atitudes mais negativo no ensino de alunos com deficiência intelectual e deficiência múltipla (média=28,83; desvio padrão=4,21). O estudo de Vayer e Rocin (citado por LEBRES 2010) explica que deficiências severas que impliquem alterações no funcionamento da sala da aula, bem como modificações no processo educativo levado a cabo pelo professor, são fatores menos apreciados, isso porque diante da diversidade e distintas necessidades dos alunos, os docentes são confrontados com a obrigação de adaptarem a sua forma de ensinar em que se presume que todos os alunos aprendem de maneira igual (ALMEIDA, 2012).

A tabela 4 apresenta os resultados relativos a competência percebida.

**Tabela 4. Competência Percebida**

<b>Competência Percebida</b>	<b>Número (N)</b>	<b>Percentual (%)</b>
Nada Competente	10	30,30
Com Alguma Competência	16	48,48
Muito Competente	2	6,07
Outros	5	15,15
Total	33	100

Os resultados obtidos na tabela 4 apresentam que 48,48% (n=16) dos docentes do curso de Educação Física afirmaram possuir “Alguma Competência” no ensino da pessoa com deficiência, essa realidade é insuficiente quando no referimos a inclusão na Educação Superior e em comparação ao percentual de 30,30% (n=10) dos professores considerados “Nada Competente”. É preciso que os professores se sintam provocados a adquirir e aprimorar seus conhecimentos, de tal forma que se apropriem de mais competência no ensino da pessoa com deficiência, pois com base no estudo de Rizzo e Kowalski (1996, citado por POÇA 2009) os indivíduos com competência percebida mais elevada tem atitudes mais positivas no ensino destes alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo nos possibilitou constatar que as atitudes dos docentes do curso de Educação Física influenciam com veemência a inclusão dos alunos com deficiência na Educação Superior, e por sua vez, fatores como a formação e experiência são determinantes para que atitudes positivas sejam desenvolvidas no âmbito educacional e proporcione assim a participação e permanência dos alunos com deficiência no processo de ensino-aprendizagem. O que se pode concluir, é que ainda é necessário refletir bastante sobre a prática docente direcionada a educação inclusiva, de maneira a oferecer uma educação adequada, que atenda as necessidades de todos os alunos, em especial os com deficiência.

Concluimos ainda que o estudo tornou explícito a necessidade que os professores possuem de interagir mais com os alunos que apresentam deficiências mais severas, visto que ainda sofrem com o estranhamento, ao se deparar com a realidade até então inusitada e ser provocado a modificar suas metodologias objetivando a inclusão educacional.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, J. D. **Inclusão do aluno com deficiência auditiva: um desafio à família e aos profissionais da educação.** 74 p. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) - Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2012.

BELTRAME, T.S.; RIBEIRO, J. Atitudes de graduandos em Educação Física do CEFID em face da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais. **R. da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 17-22, 2. 2004.

BRASIL. **Decreto 6.949**, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre o Direito das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>. Acesso em 14/08/2015.

CAMPOS, M. J. C; FERREIRA, J. P. L; BLOCK, M. “Analysing the structure, validity and reliability of the Physical Educators’ Attitude Toward Teaching Individuals With Disabilities III - PEATID III”, **Annals of research in sport and physical activity**, **5: 101 – 116**, 2014.

CARVALHO, M. S. F. **As atitudes dos professores face à inclusão de alunos com deficiência – o contacto com a deficiência**. Dissertação. Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011.

CASTANHO, D. M.; FREITAS, S. N. Inclusão e prática docente no ensino superior. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, n.27, p.85-92, 2006.

CENTEIO, D. M. J. F. **Educação física inclusiva: Atitudes dos alunos face à Educação Física Inclusiva – Estudo Exploratório do 2º e 3º CEB**. Dissertação de Licenciatura em Educação Física Apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física - FCDEF- Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

CORTEZ, M. M. C. P. **Atitudes dos professores de Educação Física face à inclusão de alunos com deficiência: Estudo exploratório face à deficiência auditiva**. Dissertação. Graduação em Educação Física Licenciatura. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

FERRARI, M. A. L. D.; SEKKEL, M. C. Educação Inclusiva no Ensino Superior: Um Novo Desafio. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 636-647, Dez. 2007.

FILIPE, S. R. B. M. **As atitudes dos professores de Educação Física face à inclusão nas aulas de Educação Física**. Dissertação. Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2012.

FLEURY, M. T. L.; FLEURY, A. Construindo o conceito de competência. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 5, p. 183-196, Edição Especial, 2001.

GORGATTI, M., G.P. et al. Atitudes dos professores de Educação Física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência. **Revista Brasileira Ciências e movimento**. Brasília v.12, n.2, p. 63-68, julho. 2004.

LEBRES, C. A. D. R. **Atitudes dos professores de Educação Física do 1ºCiclo face à Inclusão de Alunos com Deficiência em classes Regulares**. Dissertação. Mestrado em Exercício e Saúde em Populações Especiais. Universidade de Coimbra, Coimbra. 2010.

MARTINS, L. de A. R. Inclusão escolar: algumas notas introdutórias. In: MARTINS, L. de A. R. et al. (Orgs.). **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis: Vozes. p. 17-26, 2006.

MAZZOTA, M. J. S. Identidade dos alunos com necessidades Educativas Especiais no contexto da política educacional Brasileira. **Revista Movimento**, Niteroi, v.10, n.7, p. 11-18, 2003.

MENDES, M. M.; PÁDUA, K. C. Influência da formação na prática de professores de Educação Física que atuam com alunos com deficiência: um estudo no sistema de ensino especial. **Educação em Foco**, v. 13, n. 16, p. 13-39, 2011.

NOGUEIRA, L. F. Z.; NOGUEIRA, E. J. Inclusão de deficientes no ensino superior e o envolvimento do trabalho docente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL; ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4., 2010. São Carlos. **Anais...** São Carlos, 2010.

PINHEIRO, I. F. A. **Atitudes dos Professores do 2º Ciclo do Ensino Básico das Escolas do CAE – Tâmega face à inclusão de alunos com deficiência**. Dissertação. Mestrado em Ciência do Desporto: Especialização em Actividade Física. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto, Porto, 2001.

POÇAS, R. M. D. **Atitudes dos futuros professores de educação física face à inclusão de alunos com deficiência**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciência do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo – RGS: Universidade Feevale, 2013.

RODRIGUES, D. Perspectivas sobre a inclusão da educação à sociedade. **Coleção Educação Especial**. Porto: Porto Editora, 2003.

ROZARIO, F. S. **Atitude da Comunidade Escolar Face a Deficiência** -Atitude dos Professores de Educação Física Face à Deficiência Visual. Monografia. Graduação de Licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Tradução de Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002.